

# DA POLIDEZ AO DESCOMEDIMENTO

Josaphat Marinho

23

A linguagem humana é forma expressiva de educação e de educar, ou de incivilidade. Transmite ponderação e sobriedade, ou desregramento. Na família, na escola, no trabalho, na política, no convívio em geral, revela moderação, ou excesso. Nela, o comedimento não é fraqueza, como o exagero não significa energia. Se se mostra indelicada ou violenta, não convence, antes irrita e provoca reação equivalente. A ênfase não a desfigura, mas o desalinho lhe mancha a pureza e pode ofender os bons costumes. A palavra pode ser eloquente, e portanto convincente, sem perder a elegância. A propósito de entrevista de ilustre chefe de partido, que o acusara formalmente de parcialidade em eleição na Bahia, o então governador Otávio Mangabeira, ouvido pela imprensa, respondeu que não tinha comentários. E acrescentou, apenas: "Foram tais e tantos os elogios que ele já me fez que apesar das restrições de agora ainda lhe sou devedor". O primor do rebate conjuga propriedade de estilo e circunspeção, sem temor nem rispidez ou vulgaridade.

É frequente, porém, em todas as áreas de atividade, confundir-se grosseria com firmeza. Esta, entretanto, indica segurança; aquela, incerteza. Quem experimenta

tranquilidade no que afirma dispensa a exasperação e a descortesia. Momentaneamente, o dito precipitado até impressiona, mas não resiste à reflexão. O que sobrevive para o raciocínio no tempo é a expressão sob compasso, que convida à meditação, na pesquisa da verdade. Não se reclama frieza, que é inconciliável com o bom diálogo. O que se pede é vibração disciplinada, condizente com a polidez. Na discussão do projeto da Constituição de 1934, respondendo a Raul Fernandes, que lhe atribuíra "pecados", "alusões pessoais" e "paixões" que não revelara, João Mangabeira não lhe retribuiu com igual moeda. Ao contrário: observou superiormente que o "habilíssimo político e arguto embaixador" não fora com ele "misericordioso", de quem leu na véspera o Sermão da Montanha, mas "inclemente e terrível como um inquisidor, espinhoso e eriçado como um ouriço". Para ser enérgico, não precisou de destemperança, antes recordou dos Evangelhos, também, a página do Bom Samaritano, que ensina a solidariedade sem cobrança.

Na vida pública, e sobretudo na função de governo, cabe redobrado zelo no uso da linguagem. A política apaixona e abre espaço a ímpetos. Por igual propicia injus-

tiças, que determinam críticas. Num como noutro caso, é indispensável casar a vivacidade com a vigilância dos termos empregados. Quem desembaraçadamente fala ou escreve, fica exposto ao retrucar sem limites. Como adverte a sabedoria popular, quem diz o que quer ouve o que não lhe agrada. O homem público, porém, tem responsabilidade maior na prática da linguagem. A expressão de seu pensamento, se reflete sentimento pessoal, envolve, necessariamente, interesse coletivo. O que o homem público discute deve ir sempre além de sua aspiração individual e abranger anseio ou reclamo de parcela da comunidade. Tendo esse alcance, o juízo por ele emitido há de revestir-se de forma apropriada à defesa do bem geral. Essa forma, que tem caráter educativo, não pode ser a do destempero.

Em período eleitoral, principalmente, como este em que estamos, a prudência na linguagem é serviço singular à cidadania. Destinando-se o apelo político ao corpo eleitoral, deve dar preponderância ao exame dos problemas que lhe dizem respeito, e não a qualificações ofensivas de pessoas ou grupos sociais. Na sociedade de pobreza, de desemprego, de educação deficiente, de vida rural em atraso, de

desigualdades injustas, enfim, o que interessa é a discussão das questões coletivas. Divergências menores, manifestadas em estilo estranho ao meio civilizado, não têm conteúdo político, do interesse do povo. O homem comum usa linguagem simples, mas não gosta que seus interesses sejam tratados com estilo de esquina, porque isso parece subestimá-los.

Se as camadas dirigentes não atentarem nessa diferenciação, delas se afastarão, cada dia mais, todas as classes sociais, as ilustradas e as populares. A distância que a maioria delas já guarda da política militante é sinal significativo dessa tendência. Acresce o perigo da indiferença dos moços, que, apesar de suas naturais ambições, estão passando ao largo das preocupações da atividade partidária. É a rebeldia das massas que pode avançar da indiferença à insurreição. E os que mandam hão de compreender que a revolta em expansão tem um limite a partir do qual não prevalece a disciplina do poder. A polidez, a que acompanha de ordinário a compreensão, pode pelo menos retardar a rebelião. O descomedimento, seguido sempre de intolância, apressa a violência.